

CAPÍTULO XV – O AMOR DE UMA IDEALISTA

Os acontecimentos precipitaram-se, como costuma ocorrer quando uma crise se aproxima. Nas semanas seguintes, dois episódios destacaram-se sobre todos os outros na vida de Marozia e de seu pai. O primeiro deles foi o ponto de virada da situação. Ralph Remington havia terminado seu livro; a obra estava completa e acabada, fruto de sua antiga e poderosa inspiração. Era uma chave mestra para muitos problemas desconcertantes da vida, e através dela brilhava a luz da verdade — uma verdade que as eras futuras haveriam de desenvolver. Durante as semanas transcorridas desde a sua visão, ele trabalhara com um novo vigor — uma força nascida de profunda compaixão. Já não permanecia isolado nas alturas, trabalhando indiretamente para a Humanidade por meio de seu gênio; sentia-se, agora, unido a ela em todas as suas lutas seculares. Sua obra era a sua contribuição para o todo, a sua oferenda no altar do serviço. Ele não havia pensado no aspecto material até o dia doloroso em que se viu subitamente confrontado com fatos frios e crus — fatos mercenários e sórdidos, aos olhos daquele sonhador talentoso que vivia o auge de seu poder criativo. O editor a quem ofereceu o trabalho enviou a resposta de praxe: a obra seria lida, analisada, divulgada e publicada segundo as condições habituais — isto é, caberia ao autor arcar com os custos da primeira edição. Ele tentou novamente, mas obteve o mesmo resultado. Outro editor exigiu uma certa quantia por uma crítica favorável, além de um número suficiente de assinantes que garantisse a cobertura dos custos da primeira edição. Ninguém estava disposto a aceitar a obra por seus próprios méritos e publicá-la. Um ano antes, ele talvez tivesse conseguido levantar a quantia necessária, mas agora não havia a menor possibilidade de atender às exigências dos editores.

Com o coração apertado, ele recebia um golpe após o outro, perdendo a cada vez um pouco mais de sua capacidade de resistência. Tudo dependia da venda daquele livro — tudo. Todo o seu trabalho futuro estava condicionado a ele. Se fosse bem-sucedido, seus poderes criativos não conheceriam limites. Se

fracassasse, ou se ele não conseguisse levá-lo ao público — ah, ele não ousava encarar tal tragédia; não ousava pensar além disso. Não lhe restava mais nada a que recorrer — para ele, parecia ter chegado o fim de todas as coisas.

O momento crítico ocorreu numa noite de sábado, quando Marozia caminhou com ele até a agência de correios do vilarejo para buscar a correspondência diária. O golpe havia caído; a última e esmagadora decepção atingira seu coração, já tão provado pela vida. Ele parecia condenado à derrota.

No dia seguinte, a Sra. Remington os deixou. Ela não suportaria mais a pobreza nem compartilharia com eles a vergonha de uma derrota aparente. Foi então, num momento de profunda angústia e agonia avassaladora, que Marozia tomou sua decisão. Ela salvaria o pai, custasse o que custasse a si mesma. Ela se casaria com Claude Rathburn. As circunstâncias a haviam colocado frequentemente na companhia dele ultimamente, e ele não perdera nenhuma oportunidade de enredá-la em suas malhas. Certa noite, pouco depois de ter tomado a decisão, ela se tornou a noiva do homem de quem toda a sua natureza íntima recuava, mas que exercia um estranho poder sobre ela.

Nos dias que se seguiram, houve uma tempestade interior e um caos marcado por certa ousadia emocional, por um abandono desenfreado às forças que a arrastavam. Sua Mente brilhante, subitamente trazida de seu elevado plano para os vórtices astrais, viu-se imersa em uma complexidade estranha e desconcertante de experiências emocionais. Naquele único momento fatídico de decisão repentina, ela havia se aliado ao mundo da ilusão e da fantasia, pois não aceitaria receber mais do que desse. A escolha fora feita sob a pressão de circunstâncias irresistíveis, impulsionada por seu amor altruísta. Aquele motivo era o elemento redentor e que a absolvía em uma transação, de outra forma, mercenária e sórdida. Agora que havia feito sua escolha, ela não o enganaria — cumpriria sua parte. Para tanto, ela forçava suas emoções, sufocava seus ideais e sua razão, e tentava compelir o próprio coração. Ela

amaria como uma esposa deve amar — se não agora, então depois que fossem proferidas as palavras solenes que uniriam suas vidas. Ela tinha uma noção muito vaga do que isso implicava. Para ela, naquele momento, tratava-se de uma experiência emocional difusa que revestiria a vida — a vida a dois — com uma espécie de aura romântica. Além disso, ela não ousava olhar.

Começou a se perguntar se algum dia voltaria a conhecer a paz. Sua vida interior era agora uma alternância entre conflito e uma euforia desenfreada, que a conduzia em direção ao seu destino fatal. Sua alma era um verdadeiro emaranhado de emoções contraditórias. Seu anjo de olhar solene ainda sussurrava “não” nas horas silenciosas da noite, quando ela mergulhava no silêncio de sua alma; mas ela já havia tomado sua decisão irrevogável e tentava persuadir a si mesma de que sentia o que deveria sentir. Ela forçaria seu coração — ou sua natureza emocional — a obedecer. Não lhe daria escolha, pois a vida de seu pai estava em jogo.

Para intensificar a aventura de Claude neste jogo ousado, chegaram os dias de primavera, quando a natureza aliava seus encantos maravilhosos ao poder de despertar emoções. O feitiço que agora se tecia em torno de seu coração era vago e onírico como o encanto do luar, porém tingido pelo romantismo e pela poesia de sua alma. Os pássaros estavam embriagados de vida enquanto planavam em voos frenéticos e velozes pelo ar perfumado. As florestas estavam repletas de vida jovem e vibrante: os lagos azuis e os riachos das montanhas pulsavam com uma vida ágil e cintilante, que não desprezava seu renascimento nas águas. O sabugueiro, ao longo das estradas sinuosas, oferecia sua contribuição perfumada aos doces aromas da madressilva, da rosa silvestre e da seringa. Tudo estava pronto para as núpcias entre a promessa da primavera e a perfeição do verão. Como uma criança exausta, ela começou a ceder ao estranho feitiço que a envolvia. Certo dia, pouco depois do noivado, enquanto passava pela casa paroquial, a Sra. Morton chamou-a:

— “Venha ver minha orquídea, Marozia.”

Enquanto caminhavam de braços dados pela alameda ladeada de flores, um estranho teria se impressionado com a semelhança entre elas e, sem dúvida, as teria tomado por mãe e filha. Os mesmos traços radiantes, ávidos e luminosos, o mesmo olhar iluminado pela alma animavam ambos os rostos; a diferença era que um era jovem em anos e o outro vibrava com o espírito de uma juventude imortal, ao passo que a passagem do tempo imprimira sua marca de beleza serena naquele rosto doce e claro. Ralph Remington notara muitas vezes essa semelhança. Só ele conseguia explicá-la para si mesmo, pois um daqueles rostos doces fora a inspiração de toda a sua vida e, muito tempo atrás, eles haviam amado e perdido um ao outro.

Ao pararem diante da orquídea, com os rostos delicados como flores inclinados sobre a flor etérea, Marozia exclamou com seu jeito de sempre — ávido e infantil:

— “Oh, que linda! É maravilhosa também, não é, querida Sra. Morton?”

— “Sim, maravilhosa quando consideramos as condições em que se desenvolve.” — Um sorriso vivo e expressivo iluminou-lhe o rosto. Tinha o efeito de um brilho elétrico.

— “Há pouca analogia entre os parasitas humanos e seus equivalentes no Reino vegetal.”

— “Nenhuma, Marozia, exceto pelo fato de que exigem condições semelhantes para existir.”

— “Sra. Morton, antes de eu ir, a senhora cantaria para mim? Faz tanto tempo que não ouço aquelas canções queridas de antigamente!”

— “Ora, tenho de cantar as mesmas canções de sempre? Certamente elas lhe parecerão simples agora!”

— “As coisas simples são sempre as melhores quando são doces e verdadeiras.” — A Sra. Morton percebeu uma nota de tristeza naquela voz baixa e sincera.

— “Ela realmente mudou” — pensou. Não fazia ideia do noivado, mas conhecia um pouco da natureza íntima de Marozia e das provações de sua vida. Sabia que sua natureza não era inerentemente simples, mas complexa, multifacetada, e que suas necessidades eram, proporcionalmente, grandes e variadas. Quando, portanto, ela expressou aquele sentimento, a Sra. Morton imaginou que fosse o resultado de um anseio reprimido — a resignação forçada que sucede a uma longa agonia paralisante.

“Aquela serenidade que entorpece não é para os jovens — aquela tranquilidade profunda que aquieta as emoções tumultuosas e clamorosas. Ela é para aqueles que suportaram os fardos da vida e receberam inúmeros choques e cicatrizes. Para eles, é uma compensação abençoada, uma dádiva.” Assim ela refletia, enquanto seu coração se voltava com amor e empatia para a doce jovem, cujos ideais eram tão elevados e femininos. Ela sentou-se ao piano e tocou as teclas com um movimento de carícia. Sua voz conservava toda a doçura de outrora. Marozia gostava de ouvi-la cantar; havia uma doçura e naturalidade que fundamentavam e davam vida a toda a sua cultura. Não havia artificialidade em sua arte, nem vibrato afetado, apenas aquele natural que sugere o tremor da alma, requintado como a doce vibração do registro *voz humana* de um órgão. Ela cantou uma ou duas baladas antigas que evocavam a fragrância do narciso banhado pelo orvalho, combinada ao aroma de calêndulas, cravos e *dianthus barbatus*. Depois, acariciou as teclas enquanto conversava em voz baixa com Marozia, e a “Canção de Primavera” de Mendelssohn misturava sua doçura vibrante aos fluxos de pensamento lírico.

Seguiu-se uma pausa momentânea, um prelúdio suave e terno, e ela cantou baixinho:

“Penso numa Cidade que jamais vi,

Exceto em minhas horas de sonho,

Onde pés de mortais jamais pisaram

Para macular seu brilho suave, tão suave.

Há um vislumbre de pérola e um brilho de ouro,

E um sopro vindo da alma das rosas,

Enquanto glória e beleza, indescritíveis,

Invadem o repouso sereno,

Enquanto sonho, enquanto sonho

Com uma Cidade que jamais vi.”

O último verso dissipou-se como um sopro suave no ar do crepúsculo. Havia algo naquela canção simples — com suas repetições de doçura infantil, sua melodia dolente e cativante, sua rima e ritmo imperfeitos — que tocava Marozia. Talvez fossem as associações ligadas a ela. A primeira vez que a ouvira, a Sra. Morton a cantara num suave crepúsculo de junho, quando o perfume das rosas preenchia o ar. Seu coração estava repleto de um conflito intenso, e a canção trouxe uma calma que parecia uma bênção.

— “Um sopro da alma das rosas”, repetiu ela, com os olhos brilhando e a voz trêmula. “Como essa imagem ganha beleza — à luz do nosso elevado ensinamento!”. A Sra. Morton deixou o piano e sentou-se ao lado dela, no recuo da janela.

— “Podemos levá-la cada vez mais longe”, respondeu ela suavemente.

— “No entanto, é mais bela pelo que sugere do que pelo que diz”, disse a querida Sra. Morton. “Essa é a chave do poder na poesia e na canção. Quando diz tudo, perde o encanto, a beleza e o mistério. Existe uma *Ultima Thule* na arte, mas não no espírito.”

Um arrepio súbito percorreu Marozia quando seus olhos encontraram os da Sra. Morton. Ela estava prestes a falar de seu noivado, mas hesitou. Sob aquele olhar perspicaz fixo no seu, tornou-se dolorosamente consciente da enorme disparidade entre seus antigos ideais e a realidade presente. E, no entanto, ela — Marozia Remington, a Idealista —, possuidora de um temperamento artístico que tanto exige, de uma Mente filosófica que raciocina, analisa, compara e pensa com tanta persistência, e de um desabrochar espiritual capaz de vislumbrar as glórias interiores, estava irrevogavelmente comprometida com ele — destinada a tornar-se uma só com ele.

É extremamente difícil traduzir um belo sonho em palavras. Marozia começara a sonhar desde que forçara suas emoções a despertar; seu sonho assumia as nuances de sua própria natureza rica e era belo e puro, como convinha ao amor de uma Idealista. Sim, Marozia amava, mas não uma pessoa. Ela amava o próprio amor. Os raios brilhavam através do éter refrator onde a imagem de Claude se erguia, mas atravessavam-no e iam além, rumo às alturas distantes onde seu Ideal aguardava em uma luz mística. Até aquele momento, ela não havia despertado para essa consciência; vivera apenas em seu sonho.

Então, de repente, o conflito apaixonado reacendeu-se. Ela lutou por um instante com suas emoções e, tomada por uma determinação desesperada de acabar logo com aquilo — pois a Sra. Morton precisava saber... “Uma crise se

aproxima, Sra. Morton! As coisas não podem continuar assim por muito mais tempo! Isso vai matar o papai — e ele precisa ser salvo!”. O rosto da Sra. Morton empalideceu e um tremor convulsivo percorreu-a. Ela permaneceu em silêncio. Compreendia muito mais do que as meras palavras transmitiam.

— “Há apenas um caminho, e eu o escolhi: vou me casar com Claude Rathburn.”

— “Marozia!”

— “Sim, não se choque, querida Sra. Morton; prometi casar-me com ele.”

— “Marozia, minha querida menina... certamente você não dará esse passo por nenhum outro motivo que não aquele capaz de santificar a união! Deve haver outra maneira — tem de haver. Ou... talvez... você o ame!” Havia um apelo terno — misto de medo e esperança — no rosto e na voz da Sra. Morton enquanto ela se inclinava para a frente e trazia a amiga para perto, num abraço carinhoso.

— “Não serei injusta com ele, Sra. Morton; eu o amarei.”

— “Mas não agora, querida?”

— “Não sei ... mas vou tentar!” Então, um arrepio lhe percorreu o corpo ao se dar conta do vínculo que a prendia. Como poderia ela, Marozia Remington — que sempre fora tão livre e se orgulhava de sua liberdade —, como poderia suportar o jugo de um homem como Claude Rathburn, a menos que pudesse amá-lo de todo o coração e com toda a alma? Sua intuição lhe dizia que isso não seria possível, mas ela afastou tal pensamento. Decidiu que o faria — que precisava fazê-lo, pois estava prometida a ele, e ele salvaria seu pai e tornaria possível a realização do desejo mais profundo do coração dele.

Claude insistiu em uma união imediata, e um medo súbito a fez hesitar; então, ela pensou no pai — e consentiu.